

INSIDE – Alternative Educacion for Social Inclusion

Projecto desenvolvido no âmbito do Serviço de Voluntariado Europeu (SVE)



Sob a orientação e o apoio da associação
CALA – Colectivo Alternativo de Aprendizajes



De 10 de Janeiro a 31 de Agosto de 2001, Alburquerque, comunidade de Extremadura, Espanha

Agradecimentos

Em jeito de agradecimento, posso começar por dizer que me deu muito prazer realizar este projecto, não só pelas pessoas que encontrei como pelas aprendizagens de valor incalculável.

Há muita gente neste projecto a quem gostaria de agradecer, mas como não vejo o sentido de fazer uma lista (até porque são muitos nomes e tenho receio de me esquecer de alguém, porque já se sabe que a memória é selectiva e muitas vezes funciona por sua própria conta e ímpeto), fico-me por agradecer a todas as pessoas que me acompanharam no projecto e tiveram gosto em apoiá-lo de alguma forma, e agradeço também a todas as pessoas que conheci e que mesmo que não directamente ligadas ao projecto tiveram o seu papel importante no suporte social que sem saber desenvolviam em prol da minha pessoa, e agradecer ao acaso (ou sorte, ou destino, ou fado ou como lhe queiram chamar) que me trouxe aqui e me levou pelos caminhos por onde caminhei muitas vezes sem saber porquê mas que me fizeram aprender e crescer principalmente como pessoa.

ÍNDICE

Apresentação do Projecto <i>Inside</i>	3
Apresentação do colectivo CALA	
Quem São e o Que Fazem.....	3
Educação em Valores.....	4
Metodologia CALA.....	6
Aspectos importantes na Criação e Dinamização de Grupos.....	11
Economias Alternativas e Consumo Responsável.....	17
Redes de Troca.....	18
<i>Trueco</i>	19
<i>Banco de Tiempo</i>	21
Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).....	27
Anúncio de tv para o Banco de Tempo.....	28
<i>Blog</i>	28
Programa de radio “No Tiene Precio”.....	29
MudalMundo.....	31
Reflexão Final.....	32
Bibliografia.....	35

APRESENTAÇÃO DO PROJECTO *INSIDE* – Alternative Education for Social Inclusion

Inside é um projecto do Serviço de Voluntariado Europeu (SVE) financiado em parte pelo Programa Juventude em Acção da União Europeia e desenvolvido pelo colectivo CALA – Colectivo Alternativo de Aprendizajes.

Este projecto alicerça-se na Educação em Valores e nas Economias Alternativas e Consumo Responsável, prevendo a participação das voluntárias:

- no projecto *Trueco*, através da dinamização de um grupo de jovens que organizam e gerem um mercado de troca de produtos;
- na criação de um Banco de Tempo, uma rede social de intercâmbio de serviços;
- na documentação audiovisual do processo e na difusão via rádio.

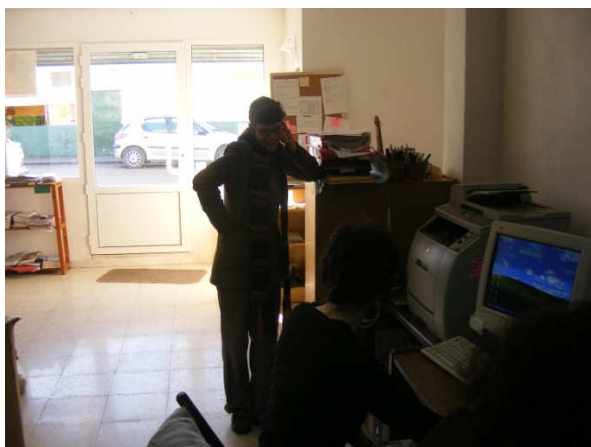
Pretende-se que o enfoque pedagógico (alternativo ao utilizado pelo sistema dominante actual) na criação e dinamização dos grupos, associado ao fundo temático das Economias Solidárias (alternativas à economia capitalista do sistema dominante actual) e do Consumo Responsável (alternativo ao consumo desenfreado incitado pelo sistema dominante), promovam a inserção e a inclusão das pessoas na comunidade através da estimulação de comportamentos solidários e da sua participação comunitária activa.

COLECTIVO ALTERNATIVO DE APRENDIZAJES (CALA)

Quem São e o Que Fazem

Trata-se de um grupo de pessoas comprometidas com a Educação em Valores alternativos aos promovidos pelo actual sistema político-sócio-educativo. Juntos como colectivo desde 2000, trabalham com diversos tipos de grupos (desde jovens, adultos, professores/as ou outras organizações) com vista a uma transformação social no sentido do comportamento solidário, do pensamento crítico e da cooperação.

CALA engloba a associação Taller de Educación en Valores Alternativos (TEVA), o suporte pedagógico, e a associação Calicanto, o suporte ecológico-ambiental.



Escritório do CALA (Av. Extremadura, 9A, Alburquerque)



Los Chozos (entre os azinhais e sobrais à volta de Alburquerque)

Ainda que a base das duas se centre num escritório em Alburquerque, é no meio dos campos de azinheiras nas imediações da vila que se situam “Los Chozos” (as choças, em português), espaço aproveitado pela associação para explorar a arquitectura tradicional antiga do local, as energias renováveis e a educação ambiental.

O projecto *Inside* desenvolveu-se sobretudo através da associação TEVA, mas foram algumas as vezes que passei pelos Chozos e que tive o prazer de desfrutar desse lugar, já que a vertente educativa do colectivo atravessa todos os projectos.

A escolha dos elementos que compõem o grupo de trabalho da TEVA e da Calicanto em cada ano é realizada por rotatividade, o que permite que todas as pessoas estejam a par da vida do colectivo, permite que experimentem e desenvolvam competências distintas, e permite ainda que não haja uma hierarquização de funções entre os trabalhadores, logo, não hierarquização de cargos nem de salários nem de estatutos. Esta forma de estar que promove a igualdade e a tolerância é constante no dia-a-dia do colectivo e dos seus projectos.

Sobre o grupo de trabalho, parece-me importante referir que uma das preocupações centrais é o clima e a coesão grupal. As relações intra-grupais assentam na sinceridade e no respeito e partem da criação e manutenção de um bom clima grupal (num primeiro momento, o auto-conhecimento e o conhecimento do outro; numa segunda etapa, a auto-estima e a estima pelo outro; e posteriormente a auto-confiança e a confiança no outro em atingir um objectivo comum). Uma vez estabelecido um clima grupal satisfatório, trabalha-se a comunicação (a escuta activa, a expressão e a compreensão), auxiliado pela empatia gerada no bom ambiente do grupo. Por último, é necessário que exista apoio mútuo no quotidiano, na regulação de conflitos e na consecução do projecto da organização.



Educação em Valores

«Cuando se habla de educar en valores, no se trata sólo de lo que es bueno para la persona en su particularidad, hay que buscar lo que es bueno para las personas en su conjunto, para cada una de las valiosas piezas que conforman la humanidad», Carmen Ibarlucea Paredes

Os nossos valores sempre nos acompanharão na nossa caminhada por este mundo e vão mutando ao longo do tempo. Mesmo sabendo cognitivamente o quão importante para o nosso desenvolvimento individual e social são os valores que nos transmitem e que nos influenciam, só durante a minha estadia aqui consegui assimilar emocionalmente o papel nuclear que a pedagogia desempenha na nossa vida e como se encontra presente constantemente.

Os valores fazem parte de uma cultura e são aprendidos quer através da educação formal, quer através da educação não formal e informal. Cada gesto, cada palavra, cada olhar transmitem informação. Cada imagem que nos passa diante dos olhos transmite-nos informação, seja consciente seja inconsciente. Todos os estímulos a que estamos expostos diariamente influenciam o nosso esquema de valores.

Tendo em conta o panorama da sociedade ocidental rica em que vivemos actualmente, parece-me importante pensarmos e reflectirmos sobre que tipo de valores estão instituídos, que contradições e conflitos há entre os diferentes valores e que valores se contradizem dentro de si e criam conflito, qual a sua mensagem e a quem se dirige, quem transmite e quem controla a transmissão desses valores, quais as consequências desses valores e que influência têm ao nível do comportamento e do bem-estar do ser humano, que quadro de valores estamos a criar para as futuras gerações e para o nosso futuro.

Fomentar a participação activa dos cidadãos na criação do seu esquema de valores parece-me um dos pontos fulcrais na Educação em Valores, tendo em conta a informação e sensibilização necessárias para a tomada de consciência do problema.

Quando cheguei a Albuquerque não tinha ideia do que queria dizer “colectivo alternativo de aprendizagens” até começar a ver como trabalhavam temas como a pobreza, a cooperação, o consumo, etc. Percebi que no colectivo CALA as pessoas estavam preocupadas com a promoção de valores diferentes dos promovidos pela política neo-liberal, assentando o seu trabalho num íntimo laço entre a educação e a ética. Admitindo abertamente o seu sistema de valores libertário, preocupados com a sustentabilidade ecológica e com a consciência e participação cidadã, trabalham as temáticas educativas a partir de pressupostos que não se pretendem “politicamente correctos” mas antes de um ponto de vista honesto e objectivo.

E de que tratam esses valores alternativos? Bom, são valores que englobam a liberdade individual, a criatividade (e não a repetição como método), a cooperação (e não a competitividade), a reflexão crítica (por oposição ao *fast-thinking* superficial e não promotor da mudança, por analogia ao *fast-food*), a pro-actividade (em contraponto à acomodação aos esquemas de funcionamento sociais hetero-seleccionados), a autonomia (e não a dependência), a noção de interdependência (e não o individualismo), a importância do papel dos afectos na assimilação e compreensão das experiências (e não a repetição e memorização), a tolerância e a aceitação da diferença (por oposição à intolerância e à discriminação), a igualdade (e não a hierarquização), a paz (e não a violência), a sustentabilidade (por oposição ao consumo crescente e esbanjamento), a preocupação ambiental (acima da preocupação económica ou narcísica), a responsabilidade individual e

a implicação, a tomada de decisões consciente (e não a obediência à autoridade e o comodismo).

Sobretudo são valores que promovem o conhecimento do outro, a escuta activa, a auto e hetero-confiança, a abertura para o outro, a gestão de conflitos, a capacidade de tomada de decisões, a assertividade e o pensamento crítico – o *cocktail* necessário para fomentar uma cidadania activa e processos de mudança.

Metodologia CALA

«Daí, o ser de relações que ele [o Homem e a Mulher] é, e não só de contactos. Porque está com a realidade, na qual se acha, é que se relaciona com ela.», Paulo Freire

A metodologia do CALA inscreve-se numa abordagem sócio-afectivo, que se caracteriza, como muito bem a definem, por *«uma aprendizagem integral, que não afecte somente a possível transformação dos conhecimentos e ideias (...), senão também as emoções, os valores e, inclusivé, na medida do possível e com respeito à autonomia, às atitudes e aos comportamentos»*.

O que se pretende é que a experiência afectiva proporcionada durante as actividades ajude na alteração do nosso pensamento e das nossas condutas, de modo a que haja uma assimilação profunda da experiência (a nossa mente guarda durante mais tempo as memórias afectivas do que as memórias cognitivas) e que, pelo grande impacto que causa no nosso aparelho psíquico, desencadeie um conflito interno (com questionamento, dúvidas, reflexão) que leve ao processo de mudança (reestruturação de representações mentais, crenças, valores, atitudes e comportamentos).

A experiência afectiva é provocada não só pela vivência em grupo de um espaço-tempo próprios, mas também pelo uso de jogos para estimular um bom clima dentro do grupo e sobretudo é provocada pela simulação de problemáticas e conflitos relacionados com o tema que se pretende trabalhar.

Para além do uso de dinâmicas para estas simulações da realidade, é necessário que haja alguém (o dinamizador) que gira a regulação positiva dos conflitos que se vão gerando (ajudando a pensá-los e dando elementos para a sua resolução), que tenha e transmita uma disposição à abertura emocional e à partilha com o outro (descobrendo que soluções ao conflito cada pessoa apresenta), e a capacidade para fomentar e regular o debate crítico, não castrador e aberto.

Estas técnicas inscrevem-se sempre num suporte teórico sobre os temas escolhidos para abordar, com objectivos específicos delineados e tendo em conta períodos de avaliação, pontos essenciais para a reflexão sobre o trabalho dos profissionais e sobre o projecto.

Para mim foi fascinante a descoberta da panóplia de usos das dinâmicas e os tipos diferentes de dinâmicas que podemos encontrar num curto espaço de tempo de uma sessão de trabalho com um grupo, algo que irei expor mais adiante conforme se justifique. Neste ponto parece-me importante indicar como é feita a estruturação das actividades num projecto, na forma como é utilizada pelo CALA:

- Partindo do esquema teórico da pirâmide, acima exposto, e tendo sempre em conta o grau de (des)conhecimento entre as pessoas que formam o grupo, usualmente uma sessão começa com...

- jogos de apresentação: são o primeiro contacto com o outro e com a actividade e desta forma tenta-se criar um clima agradável entre os participantes;

El Cartuchazo

(jogo usado no Encontro nos Chozos dos jovens do projecto MudalMundo e no workshop de Tomada de Decisões em Grupo na acampada de Badajoz do movimento 15-M)

Depois de uma primeira e rápida ronda de nomes, as pessoas colocam-se em círculo e uma fica ao meio. A que está no meio leva na mão um jornal enrolado e dirige-se a uma das pessoas do círculo, preparando-se para lhe dar com o jornal na cabeça. A pessoa do círculo para quem a do meio se dirige deve rapidamente dizer o nome de uma das pessoas do círculo, que não seja a pessoa imediatamente ao seu lado. Se conseguir dizer antes da pessoa do meio lhe dar com o jornal, salva-se e continua na sua posição, continuando o jogo com a pessoa que está no meio dirigindo-se à pessoa que corresponde ao nome dito; se não conseguir dizer um nome a tempo, leva com o jornal na cabeça e vai para o meio, sendo que as duas pessoas trocam de lugar.

Outra variante do jogo é que a pessoa do círculo a quem a pessoa do meio se dirige, para se salvar pode não só dizer o nome de uma pessoa do círculo, mas caso não lhe venha nenhum à cabeça de momento pode também empurrar uma das pessoas do lado para o meio do círculo e é esta que terá que dizer um nome antes de levar com o jornal na cabeça.

- jogos de conhecimento: servem para conhecer um pouco mais as pessoas do grupo, para além do seu nome;

El Favorito

(jogo realizado numa das sessões do projecto PROA com jovens do 1º e 2º anos)

As pessoas colocam-se em círculo e uma está no meio. A pessoa do meio começa por apontar para uma pessoa do círculo e por perguntar-lhe sobre o que mais gosta de um tema e sugere algo, por exemplo: "a tua comida favorita é pizza?". Se a pessoa do círculo responder "sim", troca com a pessoa do meio; se a resposta for negativa, a pessoa do meio continua. Pode-se perguntar sobre qualquer tema: comida favorita, músico/a ou banda favoritos, desporto favorito, côr favorita, etc.

- jogos de relaxamento: têm a função de descomprimir tensões e relaxar os participantes mais tensos e também acabam por criar bom ambiente entre todos/as.

El pañuelo en el culo

(jogo usado em sessões do projecto PROA, com todos os grupos)

Cada pessoa tem um lenço que entala entre as suas calças/saia e cintura, de modo a que o pano fique preso ao corpo e grande parte se veja, como se fosse uma cauda. O objectivo de cada pessoa é ter o maior número de lenços possíveis em sua posse e para isso vai tentar roubar os lenços dos outros. Ao mesmo tempo, vai tentar defender o seu lenço, sem o agarrar com as mãos, dos outros que querem roubá-lo.

- De seguida é importante que se disponibilize um esquema dos conteúdos e actividades (de todas actividades do projecto no caso de ser a primeira sessão; ou de introdução aos conteúdos em cada sessão), que servirá de esquema pessoal de aprendizagens para os participantes, o que promove a autonomia e a pró-actividade no próprio processo de aprendizagem de cada pessoa.
- Expondo e explicando conceitos e vocabulário mais técnico que irá ser usado durante todas as sessões, possibilita que as pessoas autonomamente construam os organizadores prévios da sua aprendizagem.

- Na primeira sessão de um projecto também é usual explorar as expectativas e os temores de cada pessoa em relação às actividades em grupo e à temática concreta em vias de abordar. Pode ser feito através de uma conversa informal ou através de pequenas dinâmicas.

Expectativas e Medos na primeira reunião pública do Banco de Tempo

Distribuímos um papel a cada pessoa, donde constava as seguintes frases para completar individualmente: «A iniciativa do banco de tempo parece-me...», «Acredito que um banco de tempo em Alburquerque...» e «Penso que vou/não vou participar porque...». Depois de todas as pessoas terminarem de escrever, pusemos em comum o conteúdo, sendo que cada pessoa expôs uma das suas frases. Estas frases foram recolhidas e usadas para iniciar a segunda reunião do Banco de Tempo, onde expusemos em três cartazes (cada um referente a cada frase) as respostas dadas sob a forma de categorias.

- É feita uma avaliação inicial das características do grupo: perceber quais os esquemas mentais prévios (ou seja, o esquema de valores, crenças, etc.) de cada pessoa sobre o tema, através de uma conversa informal ou de uma pequena dinâmica.

Las 4 esquinas

(realizado na sessão de Consentido com uma turma de jovens de cerca de 15-16 anos; o mesmo modelo de jogo também foi usado numa das sessões com jovens de PROA e durante o curso de Educação para o Desenvolvimento, mas destas vezes com questões relativas a temáticas distintas)

A dinamizadora explica ao grupo que vai colocar várias questões e pede-se que a cada questão cada jovem responda de acordo com o que pensa, colocando-se na esquina respectiva: Sim, concordo; Concordo, mas...; Não sei; Não concordo. As questões colocadas foram: «Os rapazes têm mais desejo sexual que as raparigas.», «Uma rapariga que se enrola com muitos rapazes é uma vadia e um rapaz que se enrola com muitas raparigas é muito macho.», «A homossexualidade é um vício.», «Os ciúmes são um sintoma de que estás realmente apaixonado/a.», «São os rapazes que têm que a ter iniciativa nas curtes.» e «Sinto-me totalmente livre para relacionar-me com quem queira e como queira.», sendo que depois de cada questão se perguntava a cada grupo de cada esquina o porquê de colocar-se nessa posição e desta forma tentava-se deitar cá para fora algumas crenças, preconceitos, estereótipos, etc., tendo o cuidado de não censurar a opinião de cada um, mas levando a alguma consciencialização e análise da argumentação em confronto com a realidade. Pretende-se que este material seja trabalhado noutras sessões posteriores.

- Com o avançar das sessões, recorre-se ao uso de dinâmicas mais longas, que permitam mais fielmente simular uma situação real e assim despoletar uma vivência sócio-afectiva significativa para as pessoas. Depois de cada dinâmica realiza-se uma exposição em grupo dos sentimentos de cada um durante a dinâmica e leva-se ao debate de ideias entre todos.

La isla de los polos de limón

(usada no encontro de jovens de PROA; o jogo tem por base a história de um conto escrito pelo CALA)

Explica-se ao grupo que se vai realizar um percurso por etapas, o qual corresponde a uma história, sendo que cada etapa implica realizar com sucesso uma prova, para que se possa avançar para a etapa seguinte. Inicialmente é dada a folha o grupo, que terá que ler em conjunto e contar o que leram à/ao dinamizadora/o; esta/e então dá ao grupo a prova correspondente.

Folha 1: «Faz muito tempo, no meio do oceano havia duas ilhas cujos destinos se cruzaram... Por um lado estava a ilha de Nordalia, onde faz algum tempo que se haviam cortado praticamente todas as árvores que nela haviam existido. Por outro lado, muito perto, encontrava-se a bela ilha de Surata onde o verde era a cor que se via por todo o lado, já que a vegetação era frondosa e esplêndida e entre ela brincavam as crianças da ilha.»

Prova 1: «Têm que dividir-se em 2 grupos e decidir quem é de Nordalia e quem é de Surata.»

Folha 2: «Numa dada ocasião um grupo de Nordalia decidiu encontrar-se com alguns/mas representantes da ilha de Surata. Nesta reunião os primeiros propuseram um negócio aos seus vizinhos: vender-lhes Gelados de Limão natural. Esta ideia, que tinha tido bastante êxito em Nordalia devido ao calor que ali fazia, parecia que no ia ter tanto êxito em Surata, já que a ilha estava cheia de sombra e as temperaturas eram tão agradáveis que não necessitavam de refrescar-se com os Gelados de Limão. Assim que, educadamente, responderam-lhes que a sua ilha necessitava de outro tipo de alimentos e que os Gelados de Limão não lhes

interessavam. Com esta resposta, os representantes de Nordalia foram-se da ilha chateados por pensar que tinham perdido uma grande oportunidade de negócio.»

Prova 2 (juntamente com 2 cartazes e canetas): «As pessoas de Nordalia e de Surata têm que colocar uma identificação onde, nos Chozos, estaria a vossa ilha, de acordo com a descrição do lugar.»

Folha 3: «Como não ficaram de todo satisfeitos com a visita anterior, voltaram. Desta vez foi uma comitiva de publicitários de Nordalia levando milhares de cartazes onde uma mulher em bikini anunciava: “Gelados de Limão. Sensação de Liberdade”. Nesta ocasião em Surata não se negaram, pois não viam qualquer perigo em permitir uma campanha de publicidade. Passou algum tempo e os anúncios cada vez se repetiam mais. Havia cartazes por todas as partes e qualquer celebração que se fizesse (concerto de música, a festa da terra onde se colhia o que se semeava no Outono...), absolutamente tudo era patrocinado pelos GELADOS DE LIMÃO. Algumas pessoas de Surata começaram a sentir curiosidade, depois de tantos anúncios, e queriam prová-los, mas claro, não havia lojas com Gelados de Limão e acabaram por pedi-los a Nordalia.»

Prova 3: «As pessoas de Nordalia têm que fazer um anúncio de televisão para anunciar os gelados de limão e as pessoas de Surata têm que fazer uma poesia dedicada aos gelados de limão.»

Folha 4: «Assim que se aperceberam do que se passava em Surata, uma terceira expedição de Nordalia, desta vez de políticos e políticos, viajou até Surata. Os de Nordalia disse que não podiam negar que as pessoas queriam Gelados de Limão, assim que fariam um acordo: dariam dinheiro aos governantes de Surata em troca de poder trazê-los para venda. Para isso, puseram uma condição de intercâmbio: seria necessário cortar muitos baobabs que havia na ilha, pois por serem árvores enormes, os seus troncos serviam para fabricar os pauzinhos dos Gelados tanto de Surata como de Nordalia. O governo de Surata pensou nesta proposta e sobretudo na grande quantidade de dinheiro que ganhariam com a venda de Gelados de Limão na sua ilha. E aceitaram. Decidiram que cortariam baobabs de Surata para convertê-los em paus de Gelados de Limão em Nordalia e depois trazer-los de volta outra vez para vender-los. O corte das árvores converteu zonas verdes de bosque em lugares desertos. Úrsula contava como se empilhavam os troncos de baobabs para transportar-los para Nordalia, onde se fabricavam os paus de gelado.»

Prova 4: «As pessoas de Surata têm que colocar 15 paus de gelado de limão no espaço físico que é a sua ilha e as pessoas de Nordalia têm que roubar ao menos 10 paus. Para defender-se não vale contacto físico, nem as pessoas de Surata uma vez colocados os paus lhes podem voltar a tocar.»

Folha 5: «Diante de tudo isto, Úrsula e a sua família, com muitos habitantes de Surata, juntaram-se para protestar porque viam como estavam a desaparecer os baobabs. As queixas começaram a estender-se por toda a ilha e apesar de que o seu governo mandasse as pessoas para casa com desculpas, como arrancar árvores proporcionaria um desenvolvimento e é conveniente à ilha, este grupo de pessoas começou a desobedecer às ordens do seu governo. Assim, começaram a rodear as árvores para que não as cortassem. Úrsula recordava como mulheres, crianças e homens cantavam, brincavam, acampavam e riam à volta dos baobabs para impedir que as serras eléctricas fizessem o seu trabalho. O governo estava preocupado com isto e foi aqui que chegou uma quarta expedição de Nordalia. Nesta altura eram forças militares que, chamadas pelo governo de Surata, lhes ajudariam a expulsar desses sítios essas pessoas que queriam que na sua ilha continuasse a existir a sombra dos baobabs. Por isso, como o governo de Surata nunca tinha necessitado de um exército, teve que chamar o de Nordalia, que finalmente conseguiu afastar das árvores essas pessoas que se tinham juntado à sua volta. Muitas dessas pessoas foram presas e acusadas de terroristas por ir contra o bem da ilha, ainda que o único que tinham feito fora pôr-se à volta dos baobabs para que não os cortassem. Assim Úrsula, um pouco triste, contou-nos como a separaram do seu pai e da sua mãe e a meteram num orfanato durante alguns anos.»

Prova 5: «As pessoas de Surata têm que inventar um slogan de protesto para salvar as árvores, têm que resistir “sem agressão” às pessoas de Nordalia que tentarão separá-los da árvore.»

Folha 6: «Passado algum tempo, uma quinta expedição chegou a Surata. Era gente que se chamava “comité económico”. Este grupo afirmava que tinham feito um estudo que assegurava que para fazer mais gelados de limão não era suficiente a quantidade de árvores que se tinham cortado até aqui e que se deveriam arrancar mais. Conclusão: teriam que cortar três de cada quatro árvores da ilha. Isto teria que passar-se não só para conseguir madeira para os pauzinhos, mas também para plantar limoeiros que dessem frutos para levá-los a Nordalia e dar o sabor a Limão. Esta decisão era muito importante porque, ainda que por uma parte as pessoas de Surata já se tinham habituado a comer os Gelados de Limão, por outro, cortar mais árvores significava praticamente acabar com a sombra da ilha. Uma vez que nem todos e todas no governo estavam de acordo com esta ideia, o presidente despediu aquelas pessoas que não aceitavam o corte de árvores. Úrsula tinha na sua memória como se organizou um acto onde o presidente deu um discurso dizendo que se devia agradecer a ajuda recebida por parte do exército de Nordalia por acabar com os manifestantes defensores das árvores. O presidente aceitou uma nova e suculenta quantidade de dinheiro para trocar os baobabs, que agora dizia que eram “inúteis”, por plantações de limoeiros.»

Prova 6: «Têm que resolver este problema entre todos: se de uma árvore se fazem 1000 paus de gelado e por cada árvore se paga a Surata a 2€, se 1kg de limão vale 1€ e em cada pau há 1g de limão, e se o gelado de limão se vende a Surata a 2€, quanto ganha Nordalia por cada gelado de limão?»

Folha 7: «O resultado do abate de árvores era lógico: a diminuição da sombra que davam os baobabs. Ao fim de algum tempo começaram a subir as temperaturas em Surata, o que fazia com que por um lado cada vez mais gente quisesse os Gelados de Limão para combater a sede, mas por outro lado a seca avançava. A família de Úrsula sentia como cada vez mais vazia calor e como as suas terras apenas davam frutos, já que a pouca água que havia destinava-se aos limoeiros da ilha, que estavam muito bem cuidados. As pessoas observavam como também os animais começavam a morrer por falta de água. A situação de Surata piorava porque não estavam habituados a tanto calor. Mas o pior chegou depois: um gigantesco furacão, aproveitando que não existia a oposição dos baobabs que impediam que o vento passasse a grande velocidade, arrasou a ilha. O que em tempos podia ser uma

simples tempestade convertia-se agora num furacão capaz de destruir edifícios e plantações. Chegou então uma sexta comitiva de Nordalia, desta vez diziam-se um “comité de ajuda humanitária”, quer dizer, que iam emprestar dinheiro a Surata se estes se comprometiam a comprar-lhe mais Gelados de Limão. Assim, segundo Nordalia, ao menos as pessoas podiam refrescar-se e esquecer por um momento os seus problemas. Por outro lado, disseram-lhes que mais à frente lhes iam devolver o dinheiro todo que emprestaram e um pouco mais, porque tampouco Nordalia podia ir dando o seu dinheiro sem mais nem menos. O governo de Surata parecia não ter muitas opções, por isso aceitou. Úrsula comentou-nos que a situação de Surata, neste momento, era catastrófica. Deviam usar o dinheiro para construir casas, hospitais, escolas e viam como não só não podiam devolver o empréstimo, como teriam que pedir mais dinheiro. Ainda para mais, Nordalia exigia que lhes devolvessem mais do que o que lhes emprestaram, porque Surata se atrasava a pagar. E assim, a pouco e pouco, foram contraindo uma dívida cada vez maior. Finalmente resultou que o que tinham que devolver era quatro vezes mais do que o que tinham emprestado, algo impossível devido a que a situação era cada vez pior. Posto isto, algumas pessoas desesperadas construíram barcos para dirigir-se a Nordalia. Assim recordava também Úrsula como um dia abandonaram a sua casa, já meio em ruínas devido ao furacão, e com as poucas coisas que lhes restavam montaram-se num pequeno barco. Algumas pessoas foram detidas porque, para construir barcos de madeira tiveram que usar os troncos que estavam destinados a fabricar os paus dos Gelados de Limão, e isso foi considerado como roubo. Apesar disto, famílias inteiras puderam escapar e chegar de barco a Nordalia. Mas uma vez ali, aqueles e aquelas que tinham ido à sua ilha sempre que quiseram, não os deixaram entrar, acusando-os de imigrantes ilegais. Assim sendo, fecharam as fronteiras de Nordalia e as famílias de Surata tiveram que regressar forçados à sua desolada ilha, que noutros tempos esteve cheia de baobabs.»

Prova 7: «Cria outro final.»

- Caso seja um projecto de longa duração ou caso o dinamizador sinta a necessidade, faz-se uma avaliação intermédia de como vai o esquema de valores das pessoas e de como se sentem durante as sessões.

El Árbol

(realizado com o jovens de 3º e 4º de PROA)

Num quadro ou numa cartolina desenha-se uma árvore com as raízes, o tronco e a copa. Distribui-se papel e caneta pelas pessoas do grupo. Para cada parte da árvore coloca-se uma questão, à qual as pessoas têm algum tempo para pensar e escrever e no final põe-se em comum entre todo o grupo. Raízes: escrever 3 frases que respondam à questão “Porque existe fome?”. Tronco: escrever 3 perguntas que ainda tenham sobre o tema e que gostavam de esclarecer. Copa: escrever 3 possíveis soluções para a situação de fome mundial.

- Avaliação final do projecto: as actividades, a abordagem ao tema, a prestação do dinamizador, a participação de cada elemento do grupo, o local. Críticas, felicitações e sugestões.

EVALUACIÓN FINAL PROYECTO SVE “INSIDE”	FELICITO	CRITICO	PROPONGO
Contenidos sobre Educación Alternativa, Economía Alternativa y Consumo Responsable			
Metodologías Educativas			
El proyecto Inside en general			
Actividades del proyecto			
Tutorías (tutoría del SVE y lingüística)			
Temporalización y cronograma			
Aspectos logísticos, recursos de diferentes tipos...			
Relación voluntarias con grupo CALA			
Papel de las voluntarias en el CALA			
Otras cosas que te gustaría destacar			
Algo importante que he	Algo que creo que se podría	Algo que le diría a otros/as	

aprendido durante estos meses	mejorar	voluntarios/as que vieran al CALA	

Folha de avaliação final do projecto SVE

Aspectos importantes na Criação e Dinamização de Grupos



Quando nos propomos a criar ou a dinamizar grupos, sejam de que faixas etárias sejam, reconheço a importância de, primeiro que tudo, dedicar tempo a construir um bom **clima grupal**, para que as pessoas se sintam confortáveis no contexto e à-vontade umas com as outras e para que o trabalho em grupo seja mais fluido e vivido como uma experiência positiva. Sobre a construção de um clima grupal já falei um pouco anteriormente, contudo, observei que na prática com grupos o esquema supra-apresentado toma uma forma mais simplificada, como se pode ver abaixo.



Através de jogos simples procura-se fomentar as diferentes fases de criação de um bom clima no grupo. Uma vez que acima já indiquei alguns jogos de apresentação e conhecimento, aqui registo alguns dos jogos realizados a que pude assistir ou dinamizar no âmbito de promover competências de:

- estima

Las Medallas

(jogo realizado nas sessões de PROA com jovens do 1º e 2º anos e com adultos)

Cada pessoa do grupo recebe três pedaços de papel e uma caneta, recebendo indicação para escrever três qualidades que considere que tenha. Depois cada uma cola os seus papéis em si, em zona frontais, e todas se levantam e passeiam entre si para ver o que cada uma escreveu. Numa segunda fase, pede-se que as pessoas se dirijam às outras pessoas tirando-lhes os papéis que correspondem a qualidades que quem tira não tem e gostaria de ter, colando-as em si. Numa terceira fase, as pessoas voltam a sentar-se e recebem mais três pedaços de papel (caso desejem escrever a mais pessoas do grupos, pode-se fornecer a quantidade de papéis que cada pessoa queira), onde escrevem qualidades de outras três pessoas e vão até cada uma delas colar-lhes cada papel.

- confiança

La llamada

(realizado numa sessão de PROA com as mães)

A pares, uma pessoa tapa os olhos com uma venda e terá que seguir a voz do seu par. O par vai chamando o nome da pessoa com os olhos vendados, docemente e em baixo volume, guiando-a pela sala, de forma a que ela não choque nem tropece em nada. Depois de algum tempo, invertem-se os papéis.

- comunicação

Los Molinos

(jogo realizado numa sessão de PROA com jovens)

Divide-se o grupo em 2 grupos e inicialmente as pessoas começam por andar livremente pela sala. Quando o/a dinamizador/a diz “stop” o Grupo 1 vai até ele/a e este/a dará aos membros do grupo uma pergunta (o Grupo 2 não pode saber qual é). Cada pessoa do Grupo dirige-se até uma pessoa que conheça do Grupo 2 e coloca-lhe a pergunta através de mímica. A pessoa do Grupo 2 responde-lhe por mímica o que pensa que entendeu. Para 3 perguntas, faz-se 3 vezes da mesma forma, sendo que da 2ª vez será o Grupo 2 a receber uma pergunta e o Grupo 1 a responder-lhe e terão que se colocar em par com alguém que não conhece; da 3ª vez o Grupo 1 colocará a questão a qualquer pessoa que queira do Grupo 2. Neste caso, as perguntas foram: “Que coisas tens penduradas nas paredes do teu quarto?”, “O que gostas mais no Instituto?” e “Quais são os teus *hobbies*?” No final do jogo, junta-se o grupo em círculo e falamos um pouco do que se passou durante o jogo, os sentimentos vividos por cada pessoa e levanta-se o tema dos vários tipos de comunicação possíveis, a diversidade cultural e social manifestada nas várias formas de comunicação, a linguagem corporal e a expressão facial na comunicação, as dificuldades e as competências na comunicação, as vantagens da comunicação, etc.

Uma vez tendo um clima grupal mínimo de conhecimento, pode-se iniciar o processo de promoção da cooperação e da participação, sendo que o trabalho sobre estes valores e a continuidade do trabalho sobre o clima grupal são constantes em todo o processo e ocorrem simultaneamente. Estes três aspectos são a base para qualquer trabalho em grupo, independentemente da temática que o grupo constituído se propõe abordar.

Parece-me essencial destacar que fomentar atitudes cooperativas quando se trabalha com um grupo de pessoas é importante porque:

- vivemos em interdependência em sociedade, quer o queiramos aceitar quer não. Ou seja, o/a nosso/a vizinho/a ou o/a nosso/a colega ou o/a senhor/a que vemos todos os dias no café são pessoas das quais de alguma forma necessitamos e que necessitam de nós, num dado momento ou noutro. Ter comportamentos competitivos leva a que nos isolemos

dos demais e a que geremos discórdia, revolta, inveja, insegurança, a sensação de vazio emocional, entre outras coisas e, sobretudo, desigualdades discriminatórias (económicas, de *status*, etc), o que me parece que, no fundo, significa uma estagnação no desenvolvimento pessoal e social humano. Adotar comportamentos cooperativos promove a proximidade, a cumplicidade, a partilha, o apoio mútuo, a estima, a sensação de pertença e de segurança, entre muitas outras coisas positivas, e leva também à consciencialização de que somos animais sociais e do que realmente se trata quando falamos de viver em comunidade. Ter uma conduta cooperativa é, afinal, ser um cidadão respeitador de si mesmo e do outro e do seu contexto envolvente.

- em cooperação fomentamos a participação activa, já que este tipo de conduta possibilita que todas as pessoas dêem o seu contributo para um projecto comum, com os benefícios óbvios para o projecto devido à maior criatividade e diversidade de ideias e com os benefícios claros para a auto-estima, o auto-conceito e a auto-confiança de cada um e para a estima, a confiança e o respeito pelo outro com quem construímos juntos, reforçando positivamente as relações já estabelecidas.

A capacidade de cooperar é, ao fim e ao cabo, a capacidade de estar, fazer e viver juntos, respeitando as diferenças de cada um.

A meu ver, a cooperação e a participação estão intimamente ligadas e caminham no sentido do desenvolvimento pessoal e social e do sucesso do projecto comum, pois permitem que cada pessoa tenha um papel activo na sua vida e na construção comunitária e social.

No trabalho de criação e dinamização de grupos, é necessário ter em mente que a postura do/a dinamizador/a deve ser aberta e respeitadora e de promoção do pensamento crítico, não julgando, criticando construtivamente, sendo paciente, sendo assertivo, não manipulando, aceitando cada pessoa como é, ter o cuidado de não interpretar mal o outro, valorizando e escutando. Também é importante que o/a dinamizador/a consiga criar um sentimento e uma coesão grupais e que, no caso de surgirem conflitos, promova a sua resolução e gestão imediata sob a alçada de uma postura da parte de todas as pessoas envolvidas de autenticidade, cooperação, solidariedade e empatia.

No que respeita à promoção da **cooperação**, o/a dinamizador/a deve ter em conta alguns aspectos, seleccionando e propondo ao grupo actividades que:

- fomentem o conhecimento mais aprofundado entre as pessoas, ou seja, não manter a relação num espectro superficial e procurar saber mais sobre como o outro vê, pensa, sente e vive as experiências;

- na continuação do ponto anterior, levar a que se desenvolva a capacidade de empatia, porque é essencial compreender os modos de estar e de funcionar do outro e ser capaz de pôr-se no seu lugar para que se consiga dialogar e trabalhar em cooperação;

- desenvolvam a capacidade de escuta activa, pois só é possível desenvolver a capacidade de empatia, a humildade – no sentido em que não é só a minha opinião pessoal que conta e não sou sempre eu que tenho razão, mas que os outros também têm opiniões interessantes e relevantes e a razão ou o sentido encontra-se entre a diversidade de pontos de vista – e o respeito pela diversidade dos demais, para além de conseguir construir um projecto em comum, se existe uma escuta atenta e interessada sobre o outro. Para aquele que está a ser escutado esta postura da parte dos demais leva a que se sinta

valorizado e bem consigo mesmo, aumentando a sua auto-estima, o auto-conceito e a auto-confiança;

➤ promovam a confiança e a abertura de cada pessoa para as outras, de modo a que consiga expressar livremente as suas opiniões, sentimentos e crenças sem se sentir julgada nem ignorada.

El Precipicio

(realizado numa sessão com o jovens de Mudalmundo)

Coloca-se um fila de cadeiras, tantas quantas pessoas estão no grupo. Pede-se às pessoas que subam às cadeiras e que imaginem que estão à beira de um precipício. Têm que conseguir colocar-se por ordem alfabética sem falar entre si e passando pelas cadeiras até chegar ao lugar que pensam ser o correspondente com a sua letra inicial. Se alguém cai da cadeira é como se caísse no precipício e volta-se ao início do jogo, sendo que todas as pessoas voltam à sua posição inicial.

No que concerne à promoção da **participação**, o papel do/a dinamizador/a passa por levar para as sessões actividades e adoptar e promover uma postura que:

- ❖ disponibilize a informação relevante sobre o tema que se pretende trabalhar no grupo, adequando a linguagem à população-alvo, apresentado distintas perspectivas sobre o tema e proporcionando argumentos válidos e coerentes;

- ❖ permita que cada pessoa se sinta escutada;

- ❖ leve ao questionamento, para que cada pessoa sinta que a sua opinião sobre o tema é importante e que pode dar o seu contributo, habituando-se a valorizar-se a si mesma e às outras;

- ❖ promova a capacidade de dialogar e de confrontar perspectivas distintas entre diferentes pessoas, aprendendo a aceitar e a valorizar a diferença de opinião; a capacidade de negociar soluções; a competência para a identificação e gestão de conflitos, aprendendo a ultrapassá-los em conjunto e a crescer com eles, desenvolvendo a necessária atitude tolerante e de não discriminação do outro;

- ❖ fomente a capacidade de encontrar consensos através da partilha de opiniões e do contributo de todas as pessoas de forma a que sintam também as suas perspectivas reconhecidas no projecto colectivo e levando a que cada pessoa sinta que tem um papel activo e importante nesse objectivo comum; a toma de decisões de forma autónoma e a aquisição de hábitos de responsabilidade sobre as decisões que foram tomadas autonomamente.

La gallina, el maíz y el zorro

(realizado numa sessão com jovens do 1º e 2º anos de PROA)

Dá-se-lhe uma galinha, uma espiga de milho e uma raposa, explicando que o grupo está numa ponta de uma ponte e o objectivo é que a galinha, o milho e a raposa cheguem ao outro lado da ponte (marcado no chão ou com cadeiras). As condições são que, primeiro, só uma pessoa de cada vez pode atravessar a ponte; segundo, a pessoa que atravessa a ponte só pode levar um dos elementos de cada vez; terceiro, a galinha e o milho nunca podem ficar os dois sozinhos, senão a galinha vai comer o milho; quarto, a raposa e a galinha não podem ficar sozinhas porque senão a raposa come a galinha. Se alguma destas condições não for respeitada, volta-se ao início.

Outro aspecto importante a considerar quando se trabalha um tema em grupo é ter em conta e promover a implicação no contexto envolvente, pois é preciso ter sempre em mente que as pessoas deste grupo têm um contexto comunitário, profissional, escolar, etc. em comum e daí também surgem temas de debate, opiniões, influências, preocupações,

etc. Ao trabalhar estas questões pretende-se chegar a colocar propostas de melhoria, levando a cabo **acções transformadoras** que podem ser as mais variadas.

Recolha de assinaturas

(jovens do 1º e 2º ano de PROA)

Na continuação do debate sobre as actividades para jovens e dando voz ao descontentamento dos jovens face à falta de recursos lúdicos ou culturais a que pudessem ter acesso nos seus tempos livres, dentro de Gévora (localidade onde se situava o Instituto), surgiu a proposta de realizar-se uma recolha de assinaturas pela escola e pelas localidades dos vários alunos, no sentido de pedir ao *alcalde* do Ayuntamiento (o equivalente ao presidente da Junta) que disponibilizasse recintos próprios para os jovens desenvolverem actividades interessantes nos seus tempos livres. Este abaixo-assinado foi entregue não só ao *alcalde* de Badajoz, como a outros *alcaldes* de localidades vizinhas, aos partidos políticos presentes no Ayuntamiento, às associações de pais e às associações de vizinhos.

Parecem-me centrais a este ponto, como transversais noutros, os processos de Tomada de Decisões e de Resolução de Conflitos.

Sobre o processo de **Tomada de Decisões**, é importante aclarar como o grupo pretende que se dê: ou uma pessoa que decide por todos, ou através da votação ou através de consensos. No sentido do trabalho do CALA e do que pude observar sobre este aspecto, foi sempre preferível chegar a consenso por cada tema que se coloca a debate:

- numa fase inicial, cada pessoa expõe os seus sentimentos sobre esse tema. É importante que todas as pessoas respeitem os sentimentos de cada um, o que quer dizer que aqui não cabe a censura, nem o julgamento, nem a discriminação – não se comentam os sentimentos dos outros, escutam-se e têm-se em conta durante o processo. Esta exposição dos sentimentos de cada um pode fazer-se de forma a que cada pessoa fale abertamente sobre o que sente, mas esta técnica costuma funcionar melhor quando já existe uma grande coesão grupal e as pessoas já se conhecem, apreciam-se e sentem-se em confiança;

Las caras de sentimientos

(realizado no workshop de Tomada de Decisões na acampada 15-M de Badajoz)

O grupo coloca-se em círculo e pelo centro colocam-se imagens de caras (sorridentes, tristes, indiferentes, enraivecidos, etc.). Pede-se que cada pessoa se coloque perto da cara que melhor expressa os seus sentimentos acerca da questão a tratar. Quem quer pode ir falando sobre os seus sentimentos, explicando porque escolheu uma dada cara (pode escolher uma ou mais, conforme queira).

- num segundo passo, pretende-se analisar a perspectiva e os argumentos de cada pessoa em relação à questão a tratar;

Campo de Fuerzas

(realizado no workshop de Tomada de Decisões na acampada 15-M de Badajoz e foi usada uma adaptação do jogo na avaliação intermédia do projecto de SVE com CALA e voluntárias)

Num papel ou numa cartolina divide-se o quadrado ou o rectângulo em 4, através de 2 linha perpendiculares. No topo colocamos o sinal de positivo, na metade de baixo o sinal de negativo, na metade à esquerda a letra I (interno) e na metade direita a letra E (externo). Explica-se ao grupo o quadro e pede-se que escrevam as suas opiniões/ ideias/ perspectivas sobre o que consideram que influencia a questão a tratar, colocando-as por tópicos no lugar correspondente do quadro. Depois de escrever, pede-se à pessoa que explique o que escreveu e que justifique porque o colocou no lugar onde o colocou. À medida que se vai escrevendo mais e mais coisas, pode-se ir estabelecendo conexões entre ideias, desenhando setas e conversando sobre isso. Cada pessoa pode escrever quantas vezes quiser, sendo essencial que não tenda à manipulação.

- em terceiro, pretende-se que se apresente propostas ou sugestões para a questão/problema colocada/o, sendo que pode realizar-se através do debate, do *brainstorming* ou de outras técnicas;

Brainstorming em papel

(realizado no workshop de Tomada de Decisões na acampada 15-M de Badajoz)

A cada pessoa dá-se um papel uma esferográfica para que escreva possíveis soluções para a questão em mãos. No final, recolhem-se os papéis e o/a dinamizador/a lê cada um, agrupando-os por categorias.

- por fim, pretende-se chegar a um consenso entre as propostas realizadas. Neste caso, é necessário que se façam acordos por etapas, podendo-se usar o debate ou outras técnicas de participação;



Processo de Tomada de Decisões no Encontro de Mudalmando nos Chozos (durante a dinâmica “Los Analistas”)

- concretizam-se os acordos em papel, escrevendo numa cartolina ou algo que seja significativo para o grupo no sentido de poder estar disponível para consulta sempre que necessário;

- por último pode-se avaliar o processo de Tomada de Decisões, seja através da expressão oral espontânea ou seja através de dinâmicas que ajudem a levar a cabo essa expressão, de modo a que o grupo possa dar-se conta dos benefícios ou inconvenientes desse processo, das necessidades do grupo e de cada indivíduo e aproveitar para sugerir melhoras para as próximas acções de Tomadas de Decisões.

No que diz respeito à **Resolução de Conflitos**, o objectivo final é que as pessoas integrem formas não violentas e o mais satisfatórias possível de resolvê-los e geri-los. Neste sentido, é importante adquirir a capacidade de diferenciar as percepções próprias das percepções dos outros envolvidos, é importante que as pessoas envolvidas no conflito consigam comunicar de forma empática e que usem a criatividade para procurar soluções e encontrar consensos.

Negociar la Libertad

(realizado numa sessão com jovens de PROA)

Divide-se o grupo em 2 e separam-se fisicamente. Explica-se o jogo a cada subgrupo à vez. Explica-se que alguém danificou uma porta do Instituto e procura-se o culpado. Dá-se um papel e uma caneta a cada pessoa de cada subgrupo e explica-se que terão que escrever quem pensam que é o culpado, sendo que as hipóteses possíveis são confessar ou acusar o outro grupo. Na primeira volta cada pessoa escreve individualmente a sua sentença. Depois o/a dinamizador/a informa sobre os resultados a cada um dos subgrupos. Numa segunda volta pede-se que cada subgrupo escreva novamente num papel quem pensa ser o culpado, sendo que desta vez os membros de cada subgrupo têm que chegar a um consenso. Informa-se cada subgrupo dos resultados. Numa terceira volta dá-se a possibilidade que um porta-voz de cada subgrupo se encontrem e negociem a decisão, sendo pedido depois que cada subgrupo volte a apresentar uma decisão em papel. Por fim, lêem-se os resultados e dá-se a sentença: se os 2 grupos não confessam têm 2 anos de pena para cada um; se um dos grupos não confessa e o outro grupo acusa-o, o grupo que acusa sai ilibado e o grupo acusado que não confessou leva com 10 anos de pena; se os dois grupos se acusam mutuamente, levam 6 anos de pena. No final debate-se estes resultados e todo o processo de tomada de decisões em grupo que envolve as atitudes de cooperação ou não, a participação, a negociação e a gestão do conflito.

ECONOMIAS ALTERNATIVAS E CONSUMO RESPONSÁVEL

Actualmente vivemos numa sociedade de consumo, impulsionada pela Revolução Industrial e Tecnológica, onde o cidadão muitas vezes é considerado como um mero peão no jogo de poder e competição entre as empresas que vendem, compram, produzem e publicitam as suas marcas. A realidade das empresas e dos consumidores de hoje em dia é uma realidade de insustentabilidade e descontentamento, seja pela mão-de-ferro da lei da produtividade e das leis do livre mercado pelas quais o comércio, a banca e as demais empresas se guiam hoje em dia, com as consequências sociais e financeiras negativas para as pessoas e os efeitos ambientais negativos, seja pelas sucessivas crises económicas geradas pelo tipo de sistema capitalista, com as repercussões negativas para a vida das pessoas, ou seja pela questão do esgotamento das matérias de produção e pela quantidade de lixo produzido pelo sem-fim de coisas que se consome, com as consequências nefastas para o ambiente e logicamente também para as pessoas.

Neste sentido, revela-se fundamental educar os cidadãos para terem uma perspectiva mais ampla sobre a sociedade de consumo e os seus processos velados e tornarem-se consumidores mais responsáveis e conscientes dos seus actos e dos produtos e serviços que consomem, de modo a que se possa inverter um pouco a balança das desvantagens e das consequências negativas para a maioria da população deste tipo de sistema em que vivemos, isto é, de modo a reaprendermos um estilo de vida mais sustentável e promotor do bem-estar para todos/as.

Porque hoje em dia estabelecemos relações de interdependência económica com outros países do mundo, a noção de sustentabilidade alcança não só o local mas também o global. Nesta visão global sobre o consumo e na tentativa de fomentar novos valores neste âmbito, há que ter em conta as diferenças abismais entre países e dentro de cada país no que toca à educação, à classe social, ao género, etc.

Na tentativa de criar valores de consumo mais responsáveis surgem as iniciativas de Economia Alternativa. O que se entende por Economias Alternativas são todas as formas de economia que fogem à economia capitalista instituída na sociedade e por isso, antagonicamente ao sistema dominante, preocupam-se com que os benefícios dos intercâmbios sejam das pessoas para as pessoas, fazendo uma administração eficaz e razoável desses benefícios.

Falamos de formas de Economia Solidária que por vezes se inscrevem na categoria de Economia Social, mas não necessariamente. São Solidárias porque pensam a produção, o consumo e a distribuição da riqueza de modo a que se valore as pessoas e o meio ambiente em detrimento do capital, ao contrário do que ocorre no modelo económico dominante; são Sociais porque procuram a utilidade social antes do ganho financeiro (é o caso das cooperativas, das associações, empresas de inserção, etc.), contudo, por vezes as Economias Alternativas podem não se enquadrar na definição de Economia Social por não valorizarem tanto o tempo disponibilizado ao trabalho como esta, colocando acima deste o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas (como exemplo de economias alternativas que não se enquadram na definição de Economia Social temos as redes de troca de bens e de serviços, as quais foram centrais no projecto “*Inside*” e sobre as quais me irei debruçar mais adiante).

As principais preocupações deste tipo de economia são: a igualdade; o trabalho nas suas dimensões humana, social, cultural, ambiental, política e económica; a sustentabilidade ambiental; a cooperação; o princípio “sem fins lucrativos”; e o compromisso com o contexto onde se insere.



Idearia – 10º Encontro de Economia Alternativa e Solidária (Córdoba, Abril 2011), ao qual tive oportunidade de ir e de assistir a conferências e workshops sobre Economia e Sustentabilidade, Soberania Alimentar, Consumo Responsável, Educação para o Desenvolvimento, Comércio Justo, Cooperação Internacional, Boas práticas de Economias Alternativas e/ou Solidárias.

Redes de Troca

«*O dinheiro não trás felicidade*», ditado popular

As redes de Troca são possivelmente a forma de intercâmbio mais antiga usada pela Humanidade. Com o passar dos milénios, ainda que contemos com as mudanças consideráveis nas sociedades, vemos como estas redes voltam a surgir um pouco por todo o lado, o que penso que revela que as pessoas vêem nelas vantagens sobre outro tipo de sistemas de intercâmbio:

- criam crédito local onde se necessita;
- revitalizam a economia local sem necessidade de capital externo;
- reduzem os fluxos de dinheiro para o exterior, mantendo-os na comunidade;
- estimulam a produção local de necessidades locais;

- podem criar um suporte directo e indirecto às empresas e comércios locais, caso optem por juntar-se a esta rede e permitir o pagamento dos seus produtos ou serviços com parte ou totalidade da moeda social;
- poupança dos recursos do planeta;
- reciclagem de recursos materiais e sociais;
- reduzem importações de bens ou serviços desnecessárias, reduzindo assim a poluição;
- valorizam os recursos humanos e sociais locais;
- podem permitir renovar e estimular as aprendizagens e as competências laborais, sociais ou individuais das pessoas;
- estimulam os laços de confiança e solidariedade entre as pessoas.

Num sistema de economia alternativa muitas vezes é usual utilizar-se uma Moeda Social para facilitar e promover os intercâmbios, sendo que me parece que esta é uma noção importante a considerar nas redes de Troca que se estabelecem já que a troca directa de bens ou serviços nem sempre é possível devido às conjunturas das vidas das pessoas.

A utilização da Moeda Social também apresenta vantagens face ao capital usado no sistema dominante:

- permite realizar intercâmbios de distinto valor económico em diferentes momentos e entre várias pessoas;
- não tem taxas de juro nem desvaloriza;
- não permite a especulação financeira;
- a sua emissão é descentralizada, local e democrática;
- permite satisfazer necessidades locais em função do êxito da rede;
- fornece às comunidades alguma estabilidade e certos níveis de independência e auto-gestão económica;
- a sua existência e quantidade não é escassa nem limitada.

Trueco

Trueco é o nome dado ao mercado de Troca de Produtos realizado pelo CALA juntamente com grupos de jovens.

Quando cheguei a Albuquerque tive algumas reuniões com um grupo de jovens local denominados de Cala2, onde me explicaram como nasceu e cresceu esta ideia do *Trueco*. O próprio nome do mercado indica a atitude do grupo: junta a palavra “trueque” que significa “troca” com “eco” de “ecológico”. Desta forma implementou-se uma iniciativa de Economia Alternativa em Albuquerque, nascida das preocupações sociais, económicas e ambientais de um grupo de jovens com idades entre os 16 e os 18 anos que sentia a necessidade de mudar alguns aspectos da sociedade e de serem agentes activos nessa mudança.

Uma vez que se inseria na temática central do projecto *Inside*, também participei na organização dos mercados (em Janeiro e em Maio), mas muito pouco na dinamização do grupo, já que no momento em que cheguei muitos dos jovens do grupo-motor estavam nos

últimos anos de escola e, portanto, com pouco tempo físico e mental para dedicar a este projecto.

Como todas as redes de Troca (e como em qualquer projecto grupal), a organização e a continuação da iniciativa ao longo do tempo depende muito das pessoas que constituem o grupo-motor: as relações que estabelecem e mantêm, a coordenação, a energia, a criatividade, o esforço, a disponibilidade.

Neste caso concreto, fiquei com ideia que houve momentos mais gloriosos na história do *Trueco* e gostava de ter assistido a esses também.

Uma ideia que me pareceu particularmente interessando foi a de realizar pequenos workshops enquanto decorriam os mercados de *Trueco*, sempre relacionados de alguma forma com o tema. Lembro-me de me falarem de um em que ensinavam e ajudavam a fazer pregadeiras a partir de roupa usada, reciclando assim e dando uma nova forma e vida aos objectos. Parece-me que este tipo de iniciativas paralelas ajuda a promover os mercados e o tipo de atitude que se pretende.



Placards realizados pelos jovens de Cala2, expostos durante os mercados para divulgação da iniciativa

A iniciativa *Trueco* apropriou-se também de uma parte do projecto *Mudalmundo*, levado a cabo pelo CALA. Tive oportunidade de estar presente no início deste projecto, o qual parece-me intimamente ligado com o projecto *Inside* devido à temática e à metodologia usada, mas sobre o qual falarei mais abaixo.

Relativamente aos mercados de *Trueco* desenvolvidos com jovens inseridos no projecto *Mudalmundo*, parece-me que foram iniciativas quase de introdução à temática das alternativas ao consumo tradicional, já que muitos jovens nunca tinham visto este tipo de mercados antes, muito diferente da situação dos jovens de Cala2.

Foi transversal em todos os mercados de *Trueco* o uso de uma moeda social, sob a forma de cartões de cores diferentes (três cores que identificam o valor dos objectos: azul para o material electrónico, DVD's e outros de valor monetário mais elevado; roxo para

objectos de valor médio como livros, roupa ou malas; e laranja para os objectos de valor mais baixo, como bijuteria, *bibelots*, porta-chaves, etc.), que eram trocados de acordo com o seu valor pelos objectos que cada pessoa trazia para o mercado. Logo, a pessoa podia gastar essa moeda quando quisesse, devolvendo o cartão da cor respectiva no acto de levar um objecto disponível no mercado.

Foi ainda possível realizar alguma equivalência monetária, como sendo que alguém que possui um cartão azul pode, caso pretenda, trocá-lo por 2 roxos ou por 3 laranjas. O sistema inverso foi experimentado pelo grupo Cala2, mas deixaram de usá-lo porque verificaram que não funcionava de forma justa (tornou-se recorrente as pessoas que levavam muitos objectos correspondentes a cartões laranja trocarem-nos por cartões azuis, o que levou a que houvesse muitos objectos de valor laranja estagnados na circulação de bens do mercado e à falta de objectos de valor azul).

Banco de Tempo (BdT)

Outra das actividades centrais do projecto *Inside* é a participação na criação de um Banco de Tempo (abrevia-se BdT) na vila, que se trata de uma rede de intercâmbio de serviços entre as pessoas. Com esta iniciativa pretendíamos reforçar os laços de apoio e solidariedade já existentes na comunidade e criar novos, fomentar a comunicação e promover alternativas à crise e às suas consequências negativas.

Sendo uma ideia que surgiu do grupo de jovens Cala2, acabou por tornar-se difícil pensarmos e criarmos em conjunto este projecto devido à sua falta de disponibilidade, ainda que os tentássemos incluir sempre que possível.

Os primeiros dois meses e meio foram passados a pesquisar informação sobre o que é e como funciona um BdT, as experiências iniciais em Inglaterra e E.U.A., o modelo francês, o caso português e as iniciativas em Espanha. Foi essencial este tempo de pesquisa, não só para adquirir mais conhecimentos sobre o assunto mas também para sentir-me mais à-vontade com o novo idioma.

A partir de meados de Março passámos à prática, iniciando a divulgação da iniciativa e realizando reuniões de esclarecimento e organização abertas à população local.

A primeira reunião ocorreu no dia 17 de Março pelas 19h, no Espaço de Creación Joven, com o objectivo de apresentar às pessoas o que é e como funciona um BdT.

Conteúdos	Dinâmica
Apresentação	Cada pessoa apresenta-se à vez, dizendo o nome e porque está ali.
Apresentação do esquema da reunião e do projecto BdT englobado no SVE	Indicar os pontos a tratar na reunião, justificar a pertinência do projecto e explicar o papel das voluntárias no mesmo.
Explicar como funciona um BdT	Dinâmica de serviços: - cada pessoa recebe vários <i>post-it</i> , onde lhe é indicado que escrevam uma ou mais actividades que poderiam fazer com gosto e nas quais outras pessoas pudessem estar interessadas ou beneficiar; - cada pessoa cola os seus papéis no tronco e todos/as se levantam e passeiam entre si, vendo e comentando as actividades que cada pessoa oferece; - num segundo momento, é pedido para que cada pessoa agarre o papel com a actividade/serviço que gostava de receber, de forma a que todos os papéis originais de oferta fiquem na posse de outras pessoas que gostariam de desfrutar dessa actividade. - num último momento, sentados, cada um exprime os seus sentimentos e pensamentos

	sobre a dinâmica, colocando dúvidas, sugestões, etc.
Apresentar o que é um BdT	Passagem de um vídeo promocional de um BdT: http://www.youtube.com/watch?v=Oj9-DsPp2g
Como é a realidade de um BdT	Quique conta a sua experiência durante 3 anos na dinamização de um BdT
Expor as expectativas e os temores dos presentes	Cada pessoa recebe um papel com 3 frases que tem que completar: - A iniciativa do BdT parece-me.... - Acredito que em Alburquerque um BdT... - Penso que vou/não vou a participar porque...
Despedida	- Despedida. - Recolha de contactos.

Guião da primeira reunião do Banco de Tempo de Alburquerque

Foi uma mais-valia podermos contar com a presença do Quique, o dinamizador do BdT de um bairro de Cuenca. Depois da reunião aproveitámos para gravar uma entrevista com Quique e outro colega do BdT em Cuenca, que ficará no registo de actividades deste projecto, para além de usarmos uma parte da entrevista para passar no programa de rádio como forma de divulgar esta iniciativa.

A reunião durou cerca de 2 horas e estiveram presentes 26 pessoas, o que foi muito motivador.



Primeira reunião do Banco de Tempo, no Espaço de Creación Joven

No dia 7 de Abril às 19h na Casa de la Cultura Luis Landero levou-se a cabo a segunda reunião aberta do BdT, com vista a apresentar mais concretamente o esquema de funcionamentos dos vários BdT, decidir em conjunto como vai funcionar o de Alburquerque e planificar os primeiros intercâmbios. Nesta reunião contámos com a presença de 4 pessoas, o que me desanimou momentaneamente devido à consciência da falta de envolvimento da comunidade. Por outro lado, fez-me ver a necessidade imperativa de concentrar esforços na divulgação deste projecto, das suas vantagens e das suas actividades.

Conteúdos	Dinâmica
Apresentação	- Recordar a reunião anterior. - Apresentar os objectivos desta reunião.
Conhecer as expectativas e temores expressados na reunião anterior	- Expostas na parede da sala, três cartolinas, um com cada frase, com as respectivas respostas anónimas de cada pessoa, expostas na parede da sala. - Depois de todos/as lerem, sentamo-nos e conversamos um pouco, partindo do que chamou mais a atenção a cada pessoa.
Apresentação do esquema da reunião	- <i>Powerpoint</i> com apresentação dos pontos a tratar e da metodologia. - Apresentação do "cartaz de acordos", onde se irá tomando nota dos consensos sobre

	o funcionamento do BdT. - Apresentação do “frigorífico”, cartolina onde se vai anotando pontos que se colocam durante a reunião e que não têm resposta imediata.
Apresentação do Funcionamento Administrativo de um BdT	- Powerpoint sobre o grupo-motor. - Powerpoint sobre registo de dados. - Pôr os usuários em contacto.
Tomada de decisões	-Registo das horas de cada usuário (a contabilidade) -Prazo máximo para entrega do cheque.
Apresentação do cheque	Imagem com exemplo de um cheque.
Tomada de decisões	Quantos e onde: - Queremos um espaço físico fixo? Qual? - Queremos outros espaços, cartazes, painéis informativos, pontos...? - São lugares com pessoas ou simplesmente cartazes com informação? Onde? Quando: frequência e, se há pessoas, escolha de quem.
Tomada de decisões	Contabilização das horas: - Por arredondamento - Oferecer horas ao entrar
Informação	- O que podemos esperar do BdT (condições de utilização). - Serviços individuais e grupais. - Perspectiva de género.
Tomada de decisões	Frequência das reuniões periódicas: propomos 1 vez por mês.
Despedida	- Despedida. - Informação de como contactar-nos. - Recolha de contactos.

Guião da segunda reunião do Banco de Tempo de Alburquerque

Lamento que não tenhamos conseguido concretizar um dos objectivos da reunião e do projecto *Inside*, a criação de um grupo-motor que colaborasse connosco no desenvolvimento desta iniciativa de Economia Alternativa. Parece-me que isto pode dever-se a dificuldades na divulgação do projecto, já que não conseguimos envolver muita gente da comunidade.

Após esta reunião aumentámos os esforços de divulgação, entre os quais destaco o pedido de colaboração ao *Proyecto Solidus* para desenhar-nos um logotipo do BdT (cujo conceito de elaboração foi interessantíssimo, indo ao encontro dos valores que queríamos promover), a realização de um ponto de informação móvel uma ou duas vezes à semana no mercado de 3^a-feira pelas manhãs e no centro de Alburquerque pelas tardes, a realização de um workshop de cozinha luso-francesa e a passagem de um filme.



Banco de Tempo
de Alburquerque

Logotipo do BdT

Sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) usadas neste projecto, as quais tiveram um papel de bastante relevância e que ocuparam grande parte do nosso tempo, falarei noutra ponto mais adiante.

Simultaneamente com a divulgação, procedíamos à gestão administrativa dos recursos humanos: as inscrições de pessoas, os contactos entre usuários para realizar troca de serviços, o registo de contabilidade de cada usuário.



Placard informativo do BdT usado nos pontos de rua

No que respeita ao workshop de cozinha luso-francesa, foi pensado como dois workshops incorporados, um para adultos e outro para crianças, respondendo à preocupação de que, uma vez que estávamos no período de férias escolares, muitos adultos que gostariam de estar presentes nesta iniciativa podiam estar impedidos de ir devido ao facto de não terem onde nem com quem deixar as suas crianças. Neste sentido, desenvolvi o workshop de cozinha portuguesa com crianças dos 3 aos 10 anos. Estiveram presentes 13 crianças e o seu entusiasmo durante a hora e meia que estivemos juntos era muito motivador. Foi um workshop tão animado e participado que acabei por não levar a cabo todos os jogos que tinha preparados (para além das actividades realizadas e

descritas no guião abaixo, estavam previstos mais 3 jogos que propunham a temática da interculturalidade através da partilha de conhecimentos e ideias sobre a cultura portuguesa, aliados à diversão).

Conteúdos	Dinâmica
Apresentação	jogo Passar a bola: <ul style="list-style-type: none"> - passar a bola de peluche a cada uma das crianças do grupo, para que se apresentem à vez; - quando chega a sua vez cada uma tem que apresentar-se dizendo o seu nome, idade, se conhece algum prato de cozinha portuguesa e se alguma vez já foi a Portugal e se sim onde.
Relaxamento para melhor clima grupal	jogo Cesta de Ingredientes: <ul style="list-style-type: none"> - em roda, uma pessoa fica ao meio; - cada pessoa é um ingrediente da receita de Salame de Chocolate (manteiga, bolacha Maria, ovos e açúcar); - quando a pessoa que está no meio disser o nome de um ingrediente, as pessoas que são esses ingredientes têm que trocar de lugar entre elas, enquanto a pessoa do meio tentará ocupar um dos lugares livres; - quem não conseguir ocupar um lugar livre vai para o meio e continua; - se a pessoa do meio disser "Salame" todas as pessoas do círculo trocam de lugar e esta vai tentar ocupar um lugar livre.
Apresentação da receita e Introdução à diferença linguística	- Apresentação da receita de Salame de Chocolate e mostra de um salame já feito, de forma a que as crianças vissem o resultado final. <ul style="list-style-type: none"> - Leitura da receita em português. *numa cartolina onde escrevi a receita em português coloquei também imagens dos ingredientes e das ações para facilitar o acesso ao idioma estrangeiro.
Realização da receita de Salame de Chocolate	Todas as crianças participaram e tiveram oportunidade de realizar todas as fases da receita.
Despedida	- Provar o doce; <ul style="list-style-type: none"> - Dar a cada criança uma cópia da receita (em castelhano).

Guião workshop de cozinha portuguesa realizado com crianças no dia 28 de Julho de 2011

No final, os adultos juntaram-se com as crianças e a prova de comida foi feita juntamente com a cozinha francesa. Pareceu-me que as pessoas estavam contentes e animadas com esta iniciativa, o que indica que pode ser um bom meio de difusão dos serviços do Banco de Tempo.

Recordo com carinho os risos alegres das crianças, os olhares curiosos e depois satisfeitos e os pedidos para voltar a fazer um workshop deste tipo. Foi muito gratificante e tenho pena de não termos tido tempo de realizar mais iniciativas deste tipo.

Em relação à passagem de um filme numa praça de Alburquerque, também foi algo deste projecto em que tive muito gosto em preparar e participar (também tive pena de não termos aproveitado para fazê-lo mais vezes). O filme escolhido foi "Favores em Cadeia", o qual foi escolhido por ser um filme fácil de ver para o público em geral, para além de tratar sobre a temática das relações de apoio e solidariedade entre as pessoas, o que nos pareceu ideal como iniciativa de divulgação do Banco de Tempo.

Programado para iniciar às 21h30, pelas 21h ao Llano de las Monjas já começava a chegar gente interessada. No início do filme estavam cerca de 40 pessoas, mas no final

acabaram por estar muito menos, já que o filme era longo (2h) e foi passado num dia de semana à noite. A pouca quantidade de gente no final e o avançado da hora (passava um pouco da meia-noite) levaram a que não déssemos continuidade à sessão com uma exposição de perspectivas e debate de ideias.



Sessão de cinema no Llano de las Monjas

A terceira reunião do Banco de Tempo foi projectada no sentido de falar sobre os intercâmbios (os realizados e os que não chegaram a realizar-se), permitir aos usuários do BdT que se conhecessem e impulsionar novos intercâmbios de serviços.

Actividade	Dinâmica
Apresentação dos objectivos da reunião; Apresentação das pessoas.	- exposição oral dos objectivos; - apresentação dos nomes de cada pessoa.
Dinâmica de conhecimento: "Patio de Vecinos"	- as pessoas colocam-se em dois círculos, frente a frente com um par - a dinamizadora coloca questões sobre as quais cada par terá que falar durante cerca de 1 minuto para cada questão - entre cada questão, os pares vão rodando de acordo com as orientações da dinamizadora - Questões: uma palavra para definir-te, conta-nos um pouco sobre as tuas férias este ano, o que gosta de fazer nos teus tempos livres?, porque vieste a esta reunião?
Partilhar experiências de intercâmbios e Análise	Debate oral: - que vos pareceram os intercâmbios que realizaram? - que vos parece a forma que usamos para pôr em contacto os usuários? - quais as dificuldades ou limitações que encontras para realizar ou não ter realizado os intercâmbios? - sugestões - como vês o futuro do BdT?
Dinâmica de sensibilização ao conceito de relações presentes num BdT: "Tomar y Recibir"; Compreensão em grupo da dinâmica.	"Tomar y Recibir": - as pessoas colocam-se em pares, definindo quem será a pessoa A e quem será a B; - as pessoas A juntam-se com a dinamizadora, sendo-lhes explicado que quando a pessoa B lhes der um objecto têm que tirá-lo à bruta da mão desta pessoa e observar a sua expressão; - voltam a formar-se os pares como estavam e pede-se às pessoas B que escolham um objecto e, esticando a mão ao seu par, lhes dêem o objecto; - na segunda fase, trocam-se os pares; - pede-se que as pessoas B se juntem à dinamizadora e esta explica-lhes que têm que escolher um objecto para dar às pessoas A e no acto de dar esse objecto vão depositá-lo na mão das pessoas A. - juntam-se os pares e dá-se o objecto.

	<p>Debate sobre a dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - sentimentos vividos durante as duas fases da dinâmica; - comparação da situação da dinâmica com as situações vividas na realidade de “tirar” e de “dar”; - analogia da dinâmica com o tipo de relações que se pretende promover no BdT.
Despedida	<ul style="list-style-type: none"> - passar folhas pelo grupo para quem queira preencher com novos serviços para oferecer e para pedir; - lembrar o blog, apresentar o Grupo Google e passar pelo grupo a folha de contactos.

Guião da terceira reunião do BdT

Infelizmente, ninguém compareceu a esta reunião, pelo qual não a levámos a cabo. Penso que a ausência de pessoas se deve ao facto de ter sido convocada em período de férias de muita gente (17 de Agosto de 2011) e também pelo facto de não termos muitos usuários activos e motivados com esta iniciativa. No entanto, é uma pena que não tenhamos podido aproveitar este momento para fortalecer esta rede e para avaliar as actividades que desenvolvemos neste projecto, já que me parece que era um ponto bastante importante para o projecto.

Relativamente à iniciativa do BdT, as voluntárias juntamente com os elementos da associação CALA realizaram duas avaliações (que tanto serviram para o BdT como para avaliar todo o projecto de SVE), uma intermédia em Abril e outra final em Agosto.

A avaliação intermédia possibilitou-nos orgulharmo-nos do trabalho até aí desenvolvido e ter novas sugestões de acção. A avaliação final levou-nos a uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido, falar das dificuldades sentidas e a ter em conta os pontos positivos.

Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)

«El mensaje [audiovisual] se convierte entonces en lugar del diálogo, de sensibilidad y de intervención, y supera la condición de producto final para convertirse sobre todo en proceso.», Javier Erro Sala

Vivemos numa sociedade onde o audiovisual tem cada vez mais relevância no acesso e na transmissão de ideias, atitudes, comportamentos, etc. Grande parte das nossas representações sociais actuais baseiam-se na informação que nos é passada pelos meios de comunicação e de informação (e de persuasão) e, claro, essa informação é sempre enviesada de acordo com o agente que produz ou compra a informação.

Tendo em conta esta realidade e aproveitando as vantagens que engloba, aproveitámos também para o projecto *Inside* as TIC e os meios de difusão locais como forma de promover os valores de solidariedade, cooperação e apoio mútuo, para além de difundir alternativas ao sistema dominante.

Desta forma, promovemos a iniciativa do Banco de Tempo criando um *blog* e uma morada electrónica, explorando as possibilidades do Google Docs e Grupos Google,

elaborando cartazes de informação sobre o BdT por vários lugares da vila, difundindo pela rádio e pela televisão as notícias e informações sobre o BdT e *Trueco*, elaborando anúncios de serviços do BdT, escrevendo artigos sobre o BdT e promoção dos serviços para a revista local “*La Glorieta*”, criação de perfil nas redes sociais na internet, realização de um anúncio televisivo e realização de um programa de rádio uma vez por mês. Apoiámo-nos também na utilização de programas informáticos para editar vídeos e som, para fazer *upload* de arquivos e para tentar informatizar a base de dados do BdT através de um *software* criado para o efeito (apesar deste último ponto não ter sido levado avante por falta de noções informáticas mais abrangentes e falta de apoio do *helpdesk* para a instalação do *software*).

Anúncio de TV do Banco de Tempo

No que respeita à realização do anúncio de televisão, a ideia foi juntar o objectivo de promoção do Banco de Tempo com algo que pudesse ser divertido de produzir e que resultasse para o público como algo bem-disposto e fácil de ver. O anúncio passou no canal local Televisión de Albuquerque (TDA).

Apesar de ninguém envolvido na actividade ter experiência em publicidade ou *marketing* nem em anúncios de tv, a ideia de experimentar o Teatro de Objectos pareceu a todos/as uma opção interessante e divertida de explorar. Contando com o entusiasmo e com a veia teatral dos jovens de Cala2, identificados aqui como associação Sambrona (o grupo criou uma associação que se dedica ao teatro e afins desígnios artísticos), para o processo de filmagem, ao anúncio foi acrescentada uma música e o logotipo do Banco de Tempo.



Realização do Teatro de Objectos para o anúncio

Blog

Criámos um *blog* na internet como meio para divulgar a iniciativa do Banco de Tempo de Albuquerque, pois nesse espaço disponibilizámos informação, características e funcionamento específico do BdT da vila, ficha de inscrição, quais os serviços disponíveis para oferta e para demanda, notícias, agenda, *links* associados, entre outras notícias sobre Economia Alternativa.

Acabámos por decidir que seria também um bom veículo promotor dos programas de rádio “No Tiene Precio”, já que estava dentro da mesma temática central.

Ao criar o *blog* não houve problemas de maior, as dificuldades começaram com o seu uso quotidiano e com a necessidade de ir acrescentando funcionalidades. Com o precioso auxílio da Sonia, técnica de informática do Centro de Nuevo Conocimiento, foi possível esclarecer inúmeras dúvidas e fazer novas descobertas na área multimédia.

Lamento que o *blog* não tenha tido mais dinâmica, pois poder-se-ia ter colocado mais notícias relacionadas com as Economias Alternativas e dar outra vida ao espaço. No entanto, ficou-me claro que é necessário bastante tempo, esforço e alguns conhecimentos informáticos para manter activo e dinâmico um *blog* para divulgação deste tipo de iniciativa.



Página principal do blog

Programa de rádio “No Tiene Precio”

De acordo com o projecto original, previa-se a realização de um programa de rádio na Radio Comarca de Alburquerque (RCA) sobre Economias Alternativas e Consumo Responsável. Foi posto em prática por mim, pela Albane e pela Leticia através da abordagem de temas variados dentro da temática central, escolhidos por nós uma vez ao mês, com o apoio técnico do Pablo e do Agustin da RCA.

O nome surgiu da sugestão da Clara e fez-nos sentido, porque a expressão “não tem preço” está directamente relacionada com a recusa das questões materiais e da busca pelo bem-estar através de várias áreas da vida.

Os temas abordados foram a Economia Social e Solidária, o Banco de Tempo, as redes de Troca, a Banca Ética, a Agricultura e a Soberania Alimentar, o Comércio Justo, a Indústria Têxtil, o Turismo Responsável e a última emissão foi dedicada a abordar o

programa de Serviço de Voluntariado Europeu e a experiência das voluntárias em Alburquerque e com a associação CALA.

Durante as emissões propúnhamos não só apresentar informação e definir conceitos sobre cada tema, mas também entrevistar pessoas de organizações relacionadas com o tema e indivíduos que no seu quotidiano tinham boas práticas sobre o assunto, apresentar a realidade sobre o tema vivida em Espanha, Portugal ou França, e transmitir algumas músicas em português, francês e espanhol. Desta forma aliámos a temática à questão da interculturalidade, tentando promover a sensibilização e a tolerância para as diferentes realidades e experiências culturais.

Nesta pequena actividade identifiquei todo um conjunto de aprendizagens: aprender a falar e a escrever no novo idioma; controlar a ansiedade e aprender a falar na rádio; adequar à rádio o tipo de escrita e de pensamento próprios; aprender a organizar os conteúdos para uma assimilação exclusivamente oral da parte do público; aprender a trabalhar com os elementos da equipa, adaptando-me às diferenças e às dificuldades; aquisição de novos conhecimentos sobre os temas e a realidade espanhola onde se desenrolam; constatação de que no universo musical português actual não se cantam muitas críticas sociais, sobretudo especificando temas concretos.

Como avaliação global desta actividade, posso dizer que deu-me um grande prazer e entusiasmo a realizá-la, principalmente a parte prática de estar na rádio a realizar o programa. Não penso que tenha talento para locutora de rádio e portanto é provável que não volte a ter uma vivência como esta, mas fico muito contente de ter tido a oportunidade de experimentar.

Lamento o pouco *feedback* que recebi do público, pois sei que falando mais com as pessoas que ouviam o programa poderia ter melhorado e modificado certos aspectos, o que seria mais uma aprendizagem e com certeza mais gratificante. Seria interessante poder ter acesso aos ouvintes, fosse pela sua participação telefónica durante as emissões (o que chegámos a lançar, mas ninguém nunca respondeu), fosse por outro meio, como falando directamente com as pessoas, ou se mais pessoas tivessem acesso à internet poderiam escrever algum comentário no *blog* onde tínhamos as emissões de rádio disponíveis para escuta, ou mesmo criando um correio escrito nalguma estrutura da vila para que as pessoas pudessem comentar algo.



Eu, Albane e Leticia durante a gravação de uma das emissões do programa "No Tiene Precio"

MudalMundo

Apesar de não constar na planificação do projecto *Inside*, tive oportunidade de estar presente e participar num projecto de Educação para o Desenvolvimento e para a Cooperação levado a cabo pelo colectivo CALA, o qual me pareceu pertinente de destacar aqui por ir ao encontro da temática central do projecto *Inside*, usando a Educação em Valores realizada com grupos de jovens para uma abordagem prática à compreensão das relações norte-sul e à educação sobre consumo. Para além da sua relevância no quadro temático e teórico-prático da minha aprendizagem não formal dentro do projecto de SVE, foi também uma experiência em que tive muito gosto em participar.

Deste projecto segui 3 sessões com turmas de jovens do Instituto de San Vicente de Alcántara, uma localidade perto de Albuquerque, para além do Encontro de jovens dos Institutos envolvidos no projecto, realizado nos Chozos, uma sessão com as mães da Asociación de Madres e Padres (AMP) e um mercado de Troca organizado pelos jovens de Alcántara, outra localidade envolvida no projecto.

Durante o *MudalMundo* trabalharam-se os seguintes aspectos:

- promoção dos conhecimentos sobre o que é a cooperação, seja local seja internacional, e quais as atitudes e valores patentes na cooperação;

Estudio de Casos

(realizado na primeira sessão com jovens de MudalMundo)

Divide-se o grupo em vários subgrupos, aos quais se distribui um caso que terão que ler e analisar do ponto de vista dos comportamentos cooperativos.

Caso da Turma: «A professora de Inglês, para ser mais democrática, pediu à sua turma que escolha a data do próximo exame e deixou como encarregada desta actividade Maria, que é a delegada de turma. Maria propõe uma votação e, apesar da maioria da turma ter votado numa data, um grupo de pessoas não está de acordo com a votação porque diz que sempre que se decidem as datas dos exames acontece o mesmo: é votada a data que está mais longe em tempo e não a que convém melhor a toda a gente.»

Caso da Família: «Juan é membro de uma família de 5 pessoas: a sua mãe, o seu pai, as suas irmãs e ele. A sua mãe e o seu pai trabalham fora e agora que os/as filhos/as estão crescidos pedem-lhes para assumirem a responsabilidade de realizar algumas tarefas domésticas, como limpar, cozinhar, fazer as compras, etc. Algumas vezes Juan e as suas irmãs funcionam por rotatividade para deitar fora o lixo e pôr a mesa todos os dias.»

Caso do Grupo de Amigos: «Cristina e o seu grupo de amigos querem ir à festa da sua localidade. Ela chamou todos/as os/as seus/suas amigos/as para fazer uma pequena reunião e para dividir tarefas: comprar comida e bebida, encontrar meio de transporte para todos/as, conseguir um sistema de música. Nem todas as pessoas estiveram presentes na reunião e os que estavam decidiram o que iam comer e beber. Pedro encarregou-se de procurar um assador e de comprar o carvão e disse que chamaria um amigo e umas raparigas que se encarregariam do transporte e de comprar a bebida.»

Após a leitura dos casos e decisão em grupo, põe-se em comum as perspectivas, seguindo o quadro:

Como é o processo de tomada de decisões?	Colectivo	Unilateral
Como é a relação entre as pessoas?	Igual	Desigual
Cuando participam as pessoas?	Em todo o processo	Em parte do processo
Qual é o resultado?	Todos/as ganham	Ganham apenas alguns/algumas.

- análise da situação económico-social dos países do Sul e a sua relação com as políticas económicas dos países do Norte do mundo, aclarando conceitos como dívida externa, globalização, entre outros;

Los Molinillos

(realizada numa sessão com jovens e na sessão com mães de Mudalmando; também realizada numa das sessões com jovens de PROA)

Descrita no livro "8 dinámicas para cambiar el mundo" do colectivo CALA (p. 23)

- percepção das formas de consumo dos países enriquecidos e obtenção de uma perspectiva global dos seus processos e consequências;

¿De Dónde Viene?

(realizada no Encontro de jovens do projecto Mudalmando nos Chozos; também realizada numa sessão com os jovens de PROA e no curso de Educação para o Desenvolvimento)

Descrita no livro "8 dinámicas para cambiar el mundo" do colectivo CALA (p. 81)

- análise dos comportamentos de consumo individuais e as influências neste processo;

Modelos Sociales de Éxito y Fracaso

(realizada no Encontro de jovens de Mudalmando nos Chozos)

Dá-se a cada pessoa uma folha de papel A4 e disponibilizam-se canetas de feltro coloridas. Metade do grupo irá desenhar como se imagina sendo uma pessoa de Éxito e a outra metade desenha como se imagina sendo uma pessoa Fracassada. Depois de cada um desenhar, pede-se que as pessoas se movimentem pelo grupo de forma a encontrar alguém com aspectos em comum no seu desenho. Junta-se essa pessoa e em seguida todo o grupo põe em comum e explica os desenhos. Vai-se apontando numa cartolina os indicadores de Éxito e de Fracasso reconhecidos pelas pessoas do grupo e por fim debatem-se estas percepções, evidenciam-se os estereótipos e tenta-se analisá-los de outra perspectiva, tenta-se desconstruir preconceitos num debate aberto e respeitador.

- identificação de alternativas ao sistema dominante de valores respeitantes ao consumo.



Mercado de Troca em Alcántara, com os jovens do projecto Mudalmando

REFLEXÃO FINAL

Na minha análise sobre o tema central do projecto *Inside*, quero realçar que penso as formas de economias alternativas à norma vigente (como são exemplos o *Trueco* e o

Banco de Tempo) cada vez são mais procuradas e mais fomentadas devido ao descontentamento gerado pela economia dominante, onde o lucro é repartido na sua grande maioria pelas elites de uma sociedade enriquecida, produzindo grandes desigualdades económicas (que posteriormente são reflectidas em desigualdades sociais, educativas, etc.) e consequentemente criando cada vez mais pobreza (seja económica, intelectual, política, afectiva, etc.) e exclusão social.

Iniciativas como as redes de Troca parecem-me promover a inclusão social devido às suas vantagens: permitem valorizar as pessoas e as suas competências, permitem às pessoas praticar e aprender novas habilidades e competências, geram independência económica, estimulam a comunicação e o contacto, fomentam as relações de apoio mútuo e solidariedade, aumentam a estima e a confiança entre as pessoas, estimulam a criatividade, promovem os recursos locais e poupam os recursos ambientais. Para além de que são espaços abertos a todos o tipo de pessoas (qualquer idade, religião, etnia, estado de saúde, nível económico, grau de educação, etc.), promovendo a tolerância à diferença e a aceitação da diversidade.

Associada à questão económica e instrumental está, pois, a questão dos valores. A sociedade actual é dominada por valores que não fomentam o sentimento comunitário e a coesão social, algo que me parece importante ir transformando, já que se verifica que ao longo da História da Humanidade este tipo de valores levam uma sociedade à sua ruína e não à sua sustentabilidade no tempo e no espaço.

Na minha perspectiva uma mudança de valores e de paradigma é fundamental para que possamos persistir no tempo enquanto espécie e para que possamos viver esse tempo com bem-estar e satisfação.

A esfera da inclusão social no projecto *Inside* remete exactamente a estes pontos: tentando criar economias alternativas à economia capitalista, conjuntamente com uma base pedagógica ética e crítica que se utiliza nas intervenções e que se transmite por modelo, pretende-se chegar a toda a comunidade de Alburquerque e que esta na sua participação activa continue a promover os valores e os comportamentos de solidariedade e inclusão.

Para concretizarmos esta acção inclusiva fizemos grande uso dos meios de comunicação e informação disponíveis, instrumentos e conceitos que actualmente assumem um papel muito importante na Educação e na construção de outro modelo social. Não posso deixar de referir que parece-me que fizemos menos uso destes meios do que o que seria ideal para este projecto, pois está claro que o envolvimento da comunidade passava muito pela comunicação e não apenas pela promoção de eventos ou iniciativas nem apenas pela captação de recursos sociais momentâneos.

Neste momento é-me claro que as competências de comunicação actualmente já não são apenas ao nível dos contactos humanos directos, mas estão intimamente ligadas com as novas tecnologias e meios audiovisuais e em como essas estruturas, orientadas num determinado sentido e explorando determinados conceitos, podem ser fundamentais não só para a transmissão de informação como também na criação de cultura, desvendando novas formas de abordar e estar com o público, a diversidade de relações que podem estabelecer e as percepções que podem despoletar. Digamos que é um mundo que tem ainda muito por explorar e por descobrir e que me parece importante ir seguindo a

sua evolução de forma a poder beneficiar do uso de todas as suas possibilidades em projectos sociais e educativos.

Sobre o projecto *Inside*, há que dizer que o propósito inclusivo que o orientava não considero que tenha sido conseguido plenamente. Se por um lado se conseguiu criar uma estrutura-base de uma rede de Troca como o Banco de Tempo (aliada ao já existente *Trueco*) e difundir informação sobre formas alternativas de viver e de estar através do programa de rádio (que em si são já instrumentos utilizados ao serviço da inclusão social, como acima exponho), por outro lado o envolvimento da comunidade ficou aquém das minhas expectativas e do que posso considerar tecnicamente como inclusão social.

Os motivos que encontro para esta situação podem ter a ver com os meios audiovisuais e a sua não utilização em plenitude devido também a desconhecimento neste campo (acima referido), podem ter a ver com uma falta de conhecimento pleno da cultura de Alburquerque e desta forma não ter conseguido desenvolver acções e formas de comunicação mais adequadas às pessoas e ao contexto, podem ter a ver com alguma falta de persistência e frequência nas acções, podem também ter a ver com factores externos ao projecto e às pessoas que o desenvolvem.

Como sugestões de continuidade de um projecto deste tipo, parece-me que sempre passa por uma maior e melhor exploração dos meios audiovisuais disponíveis e por uma proximidade física, emocional e cultural com a comunidade local mas com a capacidade de distanciamento intelectual e emocional necessário para transformar e criar.

BIBLIOGRAFIA

Albareda, L., Bertrán, D., Montagut, X., Navarro, E. & Scoles, R. (1998). *Guía educativa para el consumo crítico: materiales para una acción educativa sur-norte. Efectos sociales y ambientales del consumo*. Madrid: La Catarata.

Barbeito, Cécile & Caireta, Marina (2009). *Juegos de Paz: caja de herramientas para educar hacia una cultura de paz*. Madrid: La Catarata.

Barreto, Vera (1998). *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte & Ciência.

Colectivo CALA (2009). *Interculturalidad y conflicto*. Badajoz: Consejería de Educación de la Junta de Extremadura.

Colectivo CALA (2008). *8 dinámicas para mudar el mundo*. Badajoz: Consejería de Educación de la Junta de Extremadura.

Lozano, J. S (coord.) (2009). *El audiovisual y la educación para el desarrollo: del entretenimiento a la participación*. Valencia: Fundación Mainel.

Paredes, Carmen I. (2008). *Diez cuentos del mundo que ayudan a educar(nos)*. Olivenza: Asociación Cultural Tremn.

REAS – Red de Redes de Economía Alternativa y Solidaria. www.economiasolidaria.org

Sanchez-Costa, D. (2003). *Cómo crear una red de trueque en tu comunidad*. Itajaí: ONG Voluntários pela Verdade Ambiental.

Soriano, P. C. & Beristain, C. M. (2009). *La alternativa del juego 1: juegos y dinámicas de educación para la paz*. Madrid: La Catarata.

Tuts, M. & Ten, L. M. (2006). *Educación en valores y ciudadanía – propuestas y técnicas didácticas para la formación integral*. Madrid: La Catarata.